

# VIAGEM ÀS REDUÇÕES/MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS DO PARAGUAI (ANTIGO)



IGNACIO DALCIM

Ignacio Dalcim

**VIAGEM ÀS REDUÇÕES/MISSÕES  
JESUÍTICO-GUARANIS**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013

Ignacio Dalcim

**VIAGEM ÀS REDUÇÕES/MISSÕES  
JESUÍTICO-GUARANIS**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 26/10/2012

<p>D138v Dalcim, Ignacio Viagem às reduções/missões jesuítico-guaranis [recurso eletrônico] / Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013. E-book (formato PDF). ISBN 978-85-64997-91-2</p> <p>Modo de acesso: World Wide Web: &lt;<a href="http://www.projetopassofundo.com.br">http://www.projetopassofundo.com.br</a>&gt;.</p> <p>1. Diários – Descrições e viagens. 2. Argentina. 3. Paraguai. 4. Peregrinos e peregrinações. 5. Jesuítas – Missões. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 910.4(82:89)</p>
---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## VIAGEM ÀS RUÍNAS DAS MISSÕES/REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANIS do PARAGUAI(antigo)

*“A epopéia das Reduções foi uma empresa especificamente religiosa, por isso, me parece mais autêntico, mais enriquecedor e até mais histórico, visitá-las numa atitude de peregrinação.” (Clement J.McNaspy)*

A observação de Clement MaNaspy surtiu efeito e, de fato, está nascendo um **“caminho de peregrinos por terras missioneiras”** semelhante ao mundialmente conhecido “Caminho de Santiago de Compostela”, norte da Espanha. Quem acessar “Caminho das Missões” no Google encontrará várias opções de peregrinações: *a pé*, com opções de apenas três dias:72 km, de uma semana:170 km ou de 14 dias:325 km; *de bicicleta ou de automóvel*.<sup>1</sup>

As missões guaranis desmentiram, de forma concreta e eloqüente, o engano colonialista de que os índios seriam incapazes para a vida sedentária e formas superiores de civilização, argumento forjado para escravizá-los ou exterminá-los. Contrastando o empreendimento colonial movido pela ganância e pelo poder, que semearam o terror entre as comunidades indígenas através do latifúndio e da escravidão, os padres jesuítas, guiados pelos ensinamentos de Cristo, em parceria com os guaranis, criaram comunidades livres, fraternais e igualitárias, sem usar outras armas que a compreensão e a persuasão. A maioria dos historiados concordam de que a experiência missionária nas reduções foi a que melhor soube defender os interesses indígenas, sem prejuízo de sua identidade étnica e cultural. E é por isso que as reduções despertaram e continuam a despertar o interesse de todos aqueles que sonham e trabalham na construção de um mundo melhor.

Nós, família Scorsatto: Diógenes, Valdirene, Nicole e Raissa - e família Dalcim: Lenita, Ignacio e Raquel - optamos pela visita aos sítios arqueológicos da Argentina e sul do Paraguai, viajando em automóvel, como havíamos feito no ano anterior, 2007, quando viajamos juntos até Ushuaia atravessando a Cordilheira dos Andes em diversos pontos entre a Argentina e o Chile em mais de 13.000 km. Agora nossa viagem, seria de apenas cinco dias, entrando na Argentina, via Porto Xavier, província de Misiones e pelos departamentos de Itapúa e Misiones, sul do Paraguai, incluindo uma breve estadia em Asunción<sup>2</sup> e descendo pelo Chaco argentino, retornando por Corrientes e São Borja.

**Dia 3 fev 2008, DOMINGO: Sto.Ângelo (253kms),Porto Xavier (372), Loreto, San Ignacio Mini e Santa Ana. Posadas (476kms)**

Conforme combinado, às cinco horas da manhã nos reunimos em frente ao edifício Barão, na avenida do mesmo nome, centro de Marau e partimos em direção à região missioneira.

A manhã estava linda, clima agradável, e à medida que avançávamos na direção oeste o clarão do amanhecer aumentava às nossas costas. Nossos carros deslizando por

---

<sup>1</sup> O projeto “Caminho das Missões Jesuítico-guaranis” é um roteiro místico/cultural de peregrinação (ou de pesquisa, lazer ou esporte) que mantém, praticamente, o mesmo trajeto percorrido no tempo das Reduções, desde São Borja, passando por São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço Mártir, São Miguel das Missões e São João Batista culminando em frente à catedral de Santo Ângelo (325 km).

<sup>2</sup> Ao longo destas páginas manteremos, quanto possível, a grafia na língua original de cada país.



sobre a faixa preta do asfalto margeado pelo verde das plantações de soja e milho, no sobe-desce suave das antigas coxilhas dos tempos em que estas terras faziam parte do antigo Paraguai, possessão espanhola de território bem mais vasto do que o atual. Passo Fundo, Carazinho, Ijuí foram ficando para trás e às oito horas estávamos tomando café no ‘restaurante redondo’ à beira da BR 285, no trevo da Cruz Missioneira, entrada para Santo Ângelo.

Após o desjejum, cruzamos pelo último dos Sete Povos, visitando apenas com a imaginação sua monumental Catedral Metropolitana, construída em pedra grés, réplica aproximada da igreja de São Miguel das Missões. Nosso pensamento, bem mais veloz do que nossos carros, passou também pelos sítios arqueológicos de São João Batista, São Miguel, São Lourenço Mártir, São Luiz Gonzaga e São Nicolau, todos relativamente próximos à BR 285 que conduz a São Francisco de Borja, o mais antigo dos Sete Povos.

Agora com um sol radiante a nossa volta passamos ao largo de Guarani das Missões, Cerro Largo e paramos à beira da BR 392 para fotografar o enorme São Pedro voltado para o sol nascente, estátua-monumento em fase conclusiva, construída pelos munícipes de São Pedro do Butiá, em homenagem ao padroeiro da *Província de São Pedro*.

Antes de cruzarmos por São Roque Gonzáles e São Paulo das Missões, nos chamou especial atenção alguns abrigos de parada de ônibus, artisticamente esculpidos em madeira, obra de um escultor da região, responsável também por grande parte da beleza do Santuário em honra de Nossa Senhora de Czestochowa na Linha Jardim, próximo de Guarani das Missões. Não sabíamos ainda deste reduto polonês em terras missioneiras.

Mais adiante a paisagem começou a mudar, com menos plantações mecanizadas, mais arborização nativa às margens de riachos ou no topo de pequenos cerros. Enquanto a Scénic - Priv 1.6 adquirida recentemente em Brasília<sup>3</sup> - deliciava-se com o sobe e desce das últimas coxilhas em solo gaúcho, observando a paisagem à nossa frente, tive a estranha sensação de que à medida que seguíamos viagem, as subidas pareciam maiores dos que as descidas, apesar de nos dirigir em direção ao rio Uruguai. Porém, depois de passarmos por mais uma depressão geográfica, a descida tornou-se constante e, por volta das dez horas, chegamos a Porto Xavier onde após acompanhar parte da procissão em honra a Nossa Senhora dos Navegantes realizamos os “trâmites” exigidos para entrarmos em território argentino<sup>4</sup>.



São Pedro do Butiá



Travessia do rio Uruguai

<sup>3</sup> Quando fiz 1580 km num único dia.

<sup>4</sup> Apresentação da documentação do automóvel, identidade de cada ocupante, carta-verde e pagamento da taxa da Balsa (R\$12,00) para travessia do rio Uruguai até a aduana Argentina onde se repete o mesmo processo, infelizmente de forma muito primitiva e demorada.



O dia continuava lindo, ensolarado, temperatura amena e pouco movimento na estrada asfaltada com acostamento da cor roxa da terra, e muitas *lomas de burro* nos cruzamentos por vilarejos. Esta região da Argentina continua sendo explorada de forma primitiva: sem agricultura mecanizada, cercas precárias, casas feias e, no seu entorno, apenas alguns pés de laranjeira casuais. Mais adiante os reflorestamentos de pinus iliotis e eucaliptos se tornaram mais freqüentes.

Não visitamos as ruínas de **Santa Maria la Mayor**, a apenas 30 km à esquerda de Puerto Javier, prosseguindo na direção sul pela Ruta 2. As terras desta região próxima ao rio Uruguai são bastante planas e de cor roxa como no Brasil.

Tendo em vista de que as ruínas desta redução foram declaradas Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1983, juntamente com Loreto, Ignacio Mini, Santa Ana (na Argentina); Trinidad e Jesús (no Paraguai) e São Miguel das Missões (no Brasil), acrescentamos aqui alguns dados e fotos da mesma com o objetivo de incentivar e facilitar a visita de interessados.



Local de recepção dos visitantes



a antiga praça de Santa Maria La Maior

O sítio arqueológico desta redução se encontra em meio à mata, distante uns 800 metros da Ruta 2. Ali, à direita da Ruta 2, se destaca uma construção típica onde, além de orientações dadas por pessoal especializado, pode-se comprar o *bilhete único* que dá acesso aos demais sítios arqueológicos da Argentina.

Esta redução, fundada em 1626, nas proximidades de Foz do Iguaçu, conheceu o exílio forçado pelos bandeirantes. Primeiro os migrantes missioneiros se instalaram nas proximidades da redução de *Concepción*, mais para o sul, de onde, na década de 1690, se transferiram para o local atual. O sítio arqueológico compreende um descampado do tamanho de vários campos de futebol e uma infinidade de muros de grande porte, por entre as árvores, à direita de quem chega pela trilha de acesso às ruínas. Os muros do antigo templo, bem como das *vivendas* indígenas e das oficinas, impressionam pela simetria e exatidão.



As árvores tomaram conta da maior parte das construções como do templo maior cujos muros podemos avistar parcialmente acima, na foto à esquerda. Um passeio por entre as árvores e depois pelo gramado do imenso descampado foi muito bom. O verde



da mata nos envolveu com o seu perfume e nos embalou num clima de serenidade e paz. E aquelas pedras, outrora tão arduosamente trabalhadas, espalhadas por toda parte, com seu silêncio falam de um passado glorioso que não volta mais. Na tentativa de interpretar a língua destas pedras, diríamos que elas são apenas rastros da caminhada de um povo em busca de uma *terra sem males*. O burburinho de então foi substituído pelo silêncio de agora, silêncio interrompido apenas pelo canto dos pássaros, talvez descendentes dos pássaros daqueles tempos.

O almoço aconteceu em Leandro N. Além, na Churrascaria do César, sob a direção de um castelhano muito boa gente, casado com uma brasileira. Seguindo sugestão do “César do Além” abastecemos num posto logo adiante e seguimos pela Ruta 4 até chegarmos a Ruta 12, de onde prosseguimos na direção de Foz do Iguaçu.

San Ignacio Mini fica a 96 km de Porto Xavier, porém, uns 12 km antes, à direita, longe apenas 2 km da Ruta 12, fica o sítio arqueológico de **Nuestra Señora de Loreto**.

Originalmente fundada no antigo Guayrá, em 1610, às margens do rio Paranapanema, devido à perseguição dos bandeirantes, os habitantes de Loreto tiveram que migrar para esta região em 1632<sup>5</sup>. Loreto - a redução que abrigou a primeira imprensa do sul da América, que se destacou na produção de tecido e cerâmica, que em 1733 chegou a ter mais de seis mil habitantes - foi literalmente engolida pela floresta.



Portal de acolhida dos visitantes



ruínas da igreja de Loreto

Hoje a maioria das paredes caídas por terra parecem túmulos cobertos pela vegetação. Do majestoso templo só restam pedaços de muros, sobre os quais cresceram altas palmeiras que resistiram ao ciclone que por aqui passou algum tempo atrás.

Aqui está sepultado o padre Antônio Ruiz de Montoya, provincial das Reduções daqueles tempos difíceis. Montoya não hesitou em viajar até Madri em 1639 a fim de obter do rei de Espanha autorização para que os índios missioneiros pudessem se defender dos bandeirantes mediante armas de fogo. Aproveitando sua estada em Madri, o padre Ruiz de Montoya mandou imprimir um dicionário e o catecismo em língua guarani adotado nas reduções. Registra a história que, após sua morte ocorrida em Lima (1652), de onde era originário, os moradores desta redução não sossegaram enquanto

---

<sup>5</sup> No dizer do padre Antônio Ruiz de Montoya, “Os bandeirantes paulistas investiam sobre as reduções como gaviões em ninhos de pombos”. A fuga em massa dos indígenas sobrantes das 18 reduções embrionárias do antigo Guayrá pode ser comparada ao êxodo do povo hebreu do antigo Egito. Por isso, a transferência dos cerca de dez mil indígenas para uma região mais segura é conhecida pelos historiados como “O êxodo do Guayrá”.



não trouxeram para cá os restos mortais de seu pai, o genial defensor da liberdade dos guaranis<sup>6</sup>.



Caminhando por entre as árvores - a maioria com a idade dos duzentos anos de abandono, algumas das quais parecem tentar segurar de pé as últimas paredes que ainda resistem – nosso pensamento voltava ao passado imaginando o burburinho dos habitantes desta outrora próspera redução. As meninas - Raquel, Nicole e Raissa - pouco entendendo de tudo aquilo, corriam em volta por sobre montes de pedras e restos de colunas, driblando teias de aranha e espantando pernilongos sedentos de sangue. Ali em frente uns poucos degraus e os muros do templo, restos de *viviendas* espalhadas no entorno de uma clareira maior onde se situava a praça e mais adiante os restos da artística capelinha dedicada à Virgem de Loreto, hoje sob um abrigo construído com recursos técnicos e econômicos patrocinados pela Alemanha através da *Fundação Paraquiaia*.

Ao caminhar por entre estas ruínas, alguns questionamentos parecem inevitáveis: por que se chegou a tal abandono? Como e por que foi interrompido este admirável projeto de vida humana e cristã? De que valeram os esforços dos dedicados padres da Companhia de Jesus em parceria com os índios guaranis?<sup>7</sup> Mas o tempo prossegue inexorável, ninguém responde, nem mesmo o vento que sopra no topo das árvores. A história dos humanos é cheia de contradições, de avanços e retrocessos. Estas pedras cobertas pela vegetação são como icebergs a esconder um mundo de sonhos, de conquistas e perdas fatais, um mundo misterioso que ainda nos fascina e atrai.

---

<sup>6</sup> Os restos mortais do padre Antônio Ruiz de Montoya foram transferidos para cá no ano de 1672.

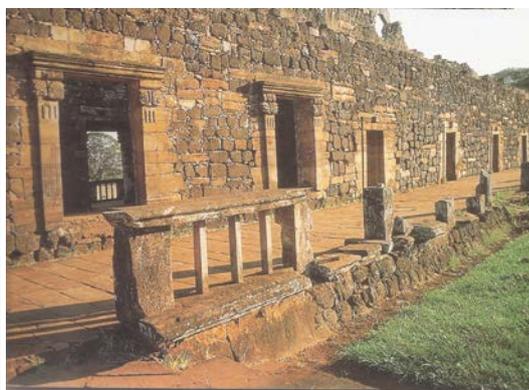
<sup>7</sup> Para muitos estudiosos as reduções se aproximaram muito do ideal de vida comunitária proposto pelo livro Atos dos Apóstolos (At 2, 42...). Em busca deste ideal muitos jovens e adultos italianos, franceses, holandeses, alemães, poloneses e portugueses, além de espanhóis, deixaram suas terras e enfrentaram mil dificuldades.



Retornando a Ruta 12 e prosseguindo na direção norte por mais 12 km, chegamos ao maior sítio arqueológico missioneiro da Argentina: as célebres **ruínas de San Ignacio Mini**.



Entrada e bilheteria para San Ignacio Mini



Arte e beleza das construções

San Ignacio Mini, também originária do Guayrá, 1612, irmã de Loreto na paternidade e no destino<sup>8</sup>, aportou nestas terras primeiramente às margens do rio Yaberiri, em 1632. Em 1696 veio a se estabelecer neste local onde hoje se encontram as ruínas. Assim como as demais reduções desta região, San Ignacio Mini foi destruída pelos paraguaios em 1817(1838 e 1865), caindo depois em total abandono.

Aqui, como em nenhuma outra redução, se tem uma visão clara de como eram as habitações indígenas: cada pavilhão, cercado por varandas, era dividido entre 6 a 12 habitações de 5x5m, cada qual abrigando uma família. O piso era de cerâmica construída de barro e moldadas com madeira. Entre os pavilhões existiam espaços consideráveis, utilizados como ruas, que geralmente confluíam para a praça central.



Viviendas e colunas das varandas



porta de entrada

Como em todas as reduções, o templo era a primeira e principal construção de frente a grande praça. Este tem 74 m de comprimento por 24 de largura. O teto era sustentado por uma dupla fila de colunas de pedras. O piso, formado por pedras hexagonais decoradas, ainda se conserva em estado razoável. Logo na entrada do templo encontra-se o batistério e sobre este estava o campanário. Nada sobrou dos quatro confessionários e dos três altares com suas belas imagens. No presbitério algumas placas registram o nome de alguns missionários, cujos corpos foram aqui sepultados, entre eles José

<sup>8</sup> Ambas foram fundadas pelos padres José Cataldino e Simão Maceta.



Cataldino (Giuseppe (Cataldini?) e Simão Maceta (Simon Macetti?), fundadores das primeiras reduções do Guayrá.

À medida que avançamos por entre estas ruínas nos lembramos do muito que já se escreveu sobre elas. Vontaire, em seu *Ensaio sobre os costumes*, afirma que as Reduções “aparecem no cenário americano o triunfo da humanidade, parecem expiar a crueldade dos primeiros conquistadores, dando ao mundo um espetáculo novo”. Pedro Ortaza, mais recentemente, conclui que os jesuítas potencializaram o “mutirão dos guaranis”, herança missioneira. Ao contrário do que alguns historiadores afirmam, a alma missioneira continua por aí campo a fora”.



Lenita, Nicole e Raquel em San Ignacio Mini



em frente à casa dos padres – pátio do Colégio

A esquerda do templo, para quem observa de frente, estava o pátio da residência dos padres e do colégio, onde ainda se conserva uma espécie de “púlpito” com parapeito trabalhado na pedra. Ao lado as oficinas e por trás de tudo a horta e o pomar. Do outro lado do templo estava o cemitério e o *contiguazú*, a casa dos órfãos e das viúvas.



Ao percorrer o interior e ao redor do templo, especialmente no seu frontispício e presbitério, é importante observar a riqueza de detalhes trabalhados na pedra grés<sup>9</sup>. Na residência dos padres percebemos o esmero artístico, sobretudo no umbral das portas e janelas.

San Ignacio Mini acolhe hoje, milhares de turistas da Argentina, Uruguai e do mundo inteiro. No dia em que aqui chegamos um grupo de alemães e outro de espanhóis também visitavam estas ruínas. Aqui, como em São Miguel das Missões no

<sup>9</sup> A pedra grés, abundante em terras missionárias, foi, além da madeira, a matéria prima das construções reducionistas. As daqui vieram das barrancas do rio Paraná.



Brasil, houve um tempo em que à noite se exibia “Som e Luz”, mas, infelizmente, foi por pouco tempo.

Antes do sol se pôr tivemos tempo de visitar as **ruínas de Santa Ana**, que também foi palco de parte da filmagem de “Mission”, palma de ouro do Festival de Cannes de 1978, disponível nas locadoras. Vale a pena assistir!

Fundada em território gaúcho, nas cabeceiras do rio Ibicuí, pelo padre Ignacio Martínez e Cristóvão de Mendoza<sup>10</sup>, em 1639, fugindo dos bandeirantes, se estabeleceu nas proximidades do local atual, fixando-se definitivamente por aqui em 1660. Esta redução chegou a contar com mais de sete mil habitantes, contava com 4.344 habitantes por ocasião da expulsão dos jesuítas em 1767/8.



Praça de Santa Ana



e a pose das meninas

Suas ruínas, até bem pouco tempo estavam tomadas pela vegetação. Árvores nascidas sob os seus muros abraçavam as pedras numa tentativa de segurá-las de pé, o que lhes dava um aspecto diferente. Mas os peritos em conservação entenderam que era melhor eliminar as árvores com suas raízes e, algumas paredes continuam de pé graças a uma frágil sustentação de madeira ou de feias estruturas de ferro.



Depois de encerrar nossa visita às ruínas no território de *Misiones*, prosseguimos nossa viagem em direção à Posadas<sup>11</sup>, onde nos instalamos no hotel Continental. O jantar aconteceu num dos muitos restaurantes ao longo da famosa *Costanera*, que à noite, como de costume, estava lotada de gente e de carros. Do outro lado podíamos

<sup>10</sup> Ao padre Cristóvão de Mendoza, co-fundador de São Miguel das Missões, deve-se a introdução do gado no Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Posadas, com aproximadamente 300 mil habitantes, possui bons hotéis e tem como um dos seus principais atrativos a “vida noturna ao longo da *Costanera*”, à beira do rio Paraná.

admirar *Encarnación*, com suas luzes refletidas nas águas do rio Paraná<sup>12</sup>. Um pouco mais acima pudemos avistar as luzes dos carros cruzando por sobre a ponte que conduz a outra margem, ou seja, ao Paraguai.

Retornamos ao hotel por volta das onze horas e tratamos de descansar, pois no dia seguinte teríamos pela frente um longo percurso por entre os sítios missioneiros do Paraguai.

#### **Dia 4 – SEGUNDA: Encarnación, Trinidad (29kms), Jesús de Taravangüe (11) e Santa Rosa de Lima (118)**

Se o primeiro dia de nossa viagem fora cheio de novidades, o segundo não seria menos interessante. Logo após o café fomos buscar nossos carros numa garagem distante umas duas quadras e em seguida nos dirigimos para o posto da Aduana, junto à ponte Roque González de Santa Cruz. A Raquel aproveitou a travessia para fotografar Posadas e a bela ponte internacional que nos colocaria em terras paraguaias.



Posadas, capital de Misiones, e parte da *Costanera*



Ponte Roque González de Santa Cruz

com extensão de 3 a 4 km aproximadamente

Por ocasião dos *trâmites* na Aduana de *Encarnación* fomos surpreendidos com um folder que pedia para que não dêssemos propina para policiais e que o pagamento de multas fosse feito somente em bancos. Um novo Paraguai está surgindo, com estradas pavimentadas dando acesso a todos os sítios arqueológicos missioneiros, boa rede de hotéis, etc.

Da antiga Itapúa, hoje *Encarnación*, nada restou do antigo templo, obra do arquiteto Brassanelli, demolido em 1848 para construir a basílica contemporânea dedicada a São Roque Gonzáles. Contudo, o sul do Paraguai reserva muitas surpresas para nós brasileiros: como *viviendas* originais do tempo auge das Reduções ainda habitadas por descendentes guaranis, muitas ruínas de construções como em Trinidad e vários museus com belíssimas imagens.

<sup>12</sup> As águas são, na verdade, uma extensão da represa e hidrelétrica Yacyretá.





**Encarnación**, com seus 100 mil habitantes, é para os argentinos o que Ciudad del Este é para os brasileiros. Por isso, enquanto os demais realizavam exploravam a zona comercial dos produtos vindos da China, eu mandei trocar os pneus da Scénic e comprei uma carretilha para pesca.

Distante apenas 29 kms de *Encarnación*, pela Ruta 6, encontra-se **Trinidad: o maior conjunto arquitetônico de ruínas dos Trinta Povos**<sup>13</sup>.

Trinidad foi fundada em 1706, pouco antes de Santo Ângelo no Rio Grande do Sul. Segundo registros históricos, grande parte dos seus moradores era oriunda de São Carlos, no Tape, de onde tinham migrado 70 anos antes. Foi uma das últimas reduções a serem abandonadas, depois da destruição comandada pelos ditadores Francia (1838) e Lopes (1865), e a posterior invasão dos colonos<sup>14</sup>. Hoje, Trinidad possui uma boa

<sup>13</sup> Na fase áurea, de 1707 a 1750, existiam trinta reduções: 7 no RS, 15 na Argentina e 8 no Paraguai.

<sup>14</sup> “Frutuoso Rivera, caudilho uruguaio, no dia 21 de abril de 1828, quando o Cel. Manuel da Silva Pereira era o administrador, invadiu os Sete Povos, e por oito meses devastou o território, levando consigo cinco mil índios, 60 carretas com estátuas, sinos, ornamentos das igrejas, cálices, hostensórios, cruces, capas de asperge, lamternas. Campainhas, violinhos, rebecas e rabecões, flautas, coroas, missais e rosários de ouro e 90 mil cabeças de gado,” segundo estimativas do Pe. Gay, pároco de São Borja até 1888). Por isso se diz que a invasão de Rivera, significou o fim trágico do regime missionário. “Quando o cel. Olivério J. Ortiz assume em fins de 1828, apenas um ou outro índio, como sombra vagabunda e errante de uma raça que se extinguiu, assoma pelas ruínas do templo e das casas, medrosamente. Não mais soavam as cantilenas dolorosas ou os cantos alegres da liturgia cristã”. Bem antes de Rivera, a região missionária começou a ser despovoada. Quando o exército de Gomes Freire deixa Santo Ângelo, com destino a Rio Pardo, leva consigo mais de 700 famílias indígenas, que se “arrancharam” às margens do rio Butucará. Cevallos, mais tarde, mandou dois padres aconselhar aos índios para que voltassem as suas terras, mas estes não aceitam voltar aos domínios da Espanha. No dia oito de abril de 1763, o capitão Antônio Pinto Carneiro, conduziu mais de dois mil índios, procedentes de Rio Pardo, junto ao rio Gravataí, a 33 kms do Porto dos Casais (Porto Alegre), dando origem a famosa Aldeia dos Anjos, assim chamada porque a



estrutura de atendimento aos turistas, porém seus guias são ‘acomodados’, só exercendo o seu ofício se solicitados.

Trinidad conta com uma enorme praça, em torno da qual se encontram as ruínas das antigas construções. Logo na entrada do sítio arqueológico, todo cercado, somos surpreendidos por uma infinidade de construções em forma de arcos que nos fazem lembrar os aquedutos romanos. Estes arcos e a torre que está à direita da praça são a principal característica desta redução.



Ruínas de Trinidad – Torre



arcos que lembram aquedutos romanos

Lá adiante, do outro lado da praça, o templo maior, cujo teto desabou na década de 1940, restando apenas a sacristia que abriga um rústico museu com muitas peças em cerâmica, fragmentos arquitetônicos e estatuários e até ossadas de missionários sepultados na igreja. O arquiteto do templo principal foi João Batista Prímoli<sup>15</sup>, responsável também pelo traçado ou planta da redução. Com seus 86 m de comprimento por 45 de largura, era o maior templo das reduções. Jaime Oliver que por aqui esteve no tempo da expulsão dos jesuítas descreveu a igreja de Trinidad como sendo “*a maior e melhor de todas as Missões; toda de pedra, com uma abóboda formosa; toda com muita claridade, simetria e adornos; sua fachada e torres são algo grandioso. Se tivesse sido concluída por inteiro teria sido insuperável na América daquele tempo e muito invejada nas principais cidades da Europa*”<sup>16</sup>



---

maioria eram crianças. Os poucos índios que sobravam estavam tão desanimados que, outro viajante, o Dr. Francisco Noronha, dirá: “Em 100 homens válidos, 80 são vadios ao ponto de que nem a fome, nem a nudez os obriga ao trabalho, e destes 80 vadios, 40 pelo menos são ladrões de gado. Vivem em pequenas cabanas, sem plantações ao redor, só prestam-se a lida com o gado”. São estes índios dispersos pelos campos e fazendas que dão origem ao gaúcho, reabilitados pelos poetas e tradicionalistas posteriores.

<sup>15</sup> O mesmo arquiteto de São Miguel das Missões.

<sup>16</sup> McNASPI, Clement. Uma visita a las ruínas jesuíticas (1981). Asunción, CEPAG, 1987, p. 84.

O templo maior com as suas grossas paredes



Com mais de 80 m de comprimento



o púlpito com a escultura dos 4 evangelistas

No interior do templo maior encontram-se apenas a pia batismal e o púlpito com figuras representativas dos quatro evangelistas. Merece atenção especial o pórtico que dá acesso à sacristia e uma porção de anjinhos esculpidos no alto, ao redor do presbitério, cada um deles tocando diferentes instrumentos musicais.



A orquestra dos anjos no presbitério



detalhes da porta da Sacristia

Este é, sem dúvida, o sítio arqueológico com maior número de construções em ruínas, superando San Ignacio Mini na Argentina. À direita da grande praça destaca-se ainda um templo menor e as ruínas de algumas *vivendas*, como podemos observar desde o alto da estranha torre de observação.



Até alguns anos atrás, uma pequena igreja - hoje por entre árvores -, construída com pedras da própria redução, abrigava 16 imagens, algumas de extraordinária beleza e arte como a da SS. Trindade e do Cristo Morto. Depois de diversas tentativas de roubo estas imagens estão guardadas na igreja maior da comunidade, onde, segundo nos informaram, existe um sistema de segurança maior.





A Capelinha que abriga(va) as belas imagens



visão de parte das ruínas de cima dos muros da igreja

Na planta desta igreja alguns prédios foram dispostos de forma diferente da maioria das outras reduções. A sacristia, a residência dos padres, o colégio e as oficinas estão do lado direito da igreja, enquanto que o *cotiguaçu* e o cemitério estão do lado esquerdo, como, por exemplo, em São Miguel das Missões.



A SS Trindade num só tronco

O púlpito com simbologia dos 4 Evangelistas



Na.Sra. de Loreto

Durante o século XIX, como já mencionamos acima, as reduções sofreram repetidas invasões e saques, sobretudo, durante a Guerra do Paraguai, aniquilando quase por completo o que havia sido construído com tanto sacrifício pelos guaranis sob orientação dos padres da Companhia de Jesus. Felizmente, nos últimos anos, os governos se deram conta de que as ruínas são um importante atrativo turístico e decidiram investir na conservação e nas vias de acesso às mesmas, sobretudo no Paraguai.

Logo depois do almoço e das muitas corridas das meninas por entre as ruínas de Trinidad, partimos para **Jesús de Taravangüe**, 11 km a noroeste da Ruta 6, por uma via cheia de curvas, mas toda asfaltada.

A UNESCO decidiu incluir Jesús de Taravangüe no elenco de Patrimônio Cultural da Humanidade apesar de ser uma redução inacabada, incompleta. Aqui podemos contemplar um templo reducional ainda em processo de construção. O templo permanece no mesmo estado em que sua construção foi interrompida.





A Igreja inacabada de Jesús de Taravangue

Segundo os peritos em arte missioneira, esta é a única obra missioneira com traços *mouristicos*, ou seja, da Espanha sob influência árabe. Isto pode ser observado no tríplice pórtico de entrada, bem como na sacristia, com seus arcos trabalhados à moda islâmica de Andaluzia. Os três arquitetos desta redução, Juan Antonio de Ribera e os irmãos José Grimau e Antônio Forcada, eram de origem hispânica.



As paredes do templo são de um estilo refinado e forte consistência. As colunas fogem do estilo clássico pelo seu duplo jogo de capitéis. É interessante visualizar os motivos ornamentais: flores e folhas da região entrelaçadas sustentando as insígnias do papado, entre outras. A torre, com uma abóboda no primeiro contra piso, ficou pela metade. “*Se este templo tivesse sido concluído, com certeza, por seu tamanho e riqueza de detalhes, seria mais um templo monumental das missões e uma das jóias da arquitetura jesuítica-guarani*” (Hernán Busaniche).

Depois de nossa visita à *igreja interrompida*, retornamos a Ruta 6 e voltamos a *Encarnación*, tomando a Ruta 1 prosseguimos com destino à **Santa Rosa de Lima**, deixando a nossa esquerda as ruínas de San Cosme y Damián e de Santiago. Devido aos poucos dias disponíveis, deixaríamos ainda de visitar Santa Maria da Fé e San Ignacio Guazú<sup>17</sup>.

A região por onde andávamos era bastante plana, de quando em vez as águas da barragem de Yacyretá chegavam bem próximo da rodovia. Nos lugares um pouco mais elevados vimos plantações de soja e milho, mas no geral predomina a criação de gado.

Quando se chega a **Santa Rosa** tem-se a impressão de estar numa típica cidadezinha do interior do Paraguai antigo. De fato, não temos aqui aquilo que mais identifica um sítio arqueológico missioneiro: *ruínas abandonadas*. A sensação que se tem é de que a vida nesta redução não foi interrompida, como em Jesús de Taravangue, mas que segue o seu curso, lentamente, através de gerações sucessivas sem abandonar o mesmo espaço. Mesmo antes de chegar ao centro histórico do vilarejo atual, o estilo das residências mais recentes, com suas varandas e colunas típicas, parecem querer prolongar no tempo o velho estilo missioneiro.

<sup>17</sup> Em anexo, algumas informações sobre o que existe de interessante nestas quatro importantes reduções.

**Santa Rosa** está situada sobre uma leve colina, cercada por vegetação. Ao redor da praça, a mesma praça dos velhos tempos está rodeada de construções do tempo dos jesuítas. Informaram-nos que uma das antigas *viviendas*, no lado oposto ao templo, continua sendo habitada por guaranis de sucessivas gerações até os dias atuais. Num dos lados da praça, todo o conjunto habitacional é da redução original e continua sendo ocupado. Parte da construção abriga às dependências da polícia cidadina, identificada pela bandeira paraguaia.



Construções reducionais de Santa Rosa ainda habitadas por descendentes guaranis

O antigo templo foi destruído por um incêndio em 1883. No entanto, a monumental torre de pedras ainda serve de campanário para a igreja atual, cuja fachada foi reconstruída com pilastras de pedras do antigo templo. O altar principal da igreja atual é um dos altares laterais, salvo por ocasião do incêndio.

Quando estivemos aqui, em fevereiro de 2008, eram pouco mais das 17 horas e o Oratório ao lado da igreja já estava fechado. Porém, graças à boa vontade de um seminarista, que tomava conta da casa paroquial durante a ausência do pároco, nos foi aberto o cadeado do portal do Oratório, hoje transformado em museu. Aqui está, segundo McNaspy, “a jóia de Santa Rosa”.



Imagens do rústico e descuidado Museu de Santa Rosa de Lima



Além da imagem da “Pietà” ou do Cristo morto nos braços de Maria, do Senhor dos Passos e de alguns santos, como da padroeira Santa Rosa de Lima, neste



Imagens da Anunciação

rústico museu podemos admirar o belo conjunto de imagens da Anunciação que, segundo Bartolomeu Meliá, “*podem figurar entre as grandes obras do barroco hispano-americano*”.

Retornando a Ruta 1, devido ao adiantado da hora, decidimos procurar por um hotel nas proximidades de San Juan Bautista, capital do departamento de Misiones, que nada tem de especial além da fábrica de *erva mate Kurupi*, própria para tererê, famosa internacionalmente. Não nos hospedamos no Hotel Arapizandú<sup>18</sup>, em San Ignacio Guazú, como tínhamos planejado, mas, um pouco mais adiante num hotel à beira da Ruta 1, em frente a um posto de combustível. Era nossa intenção, na manhã seguinte, prosseguir cedo para Asunción. O hotel era de ótima qualidade e bom preço, porém, os quartos estavam infestados de mosquitos, que felizmente foram expulsos. E assim deixamos para trás 4 sítios arqueológicos missioneiros que valeria a pena visitar<sup>19</sup>: de Encarnación a Santiago(120), Santo Ignacio Guazú(140)

### **Dia 5 – TERÇA-FEIRA: a planície, Yaguarón (+166km) ... ASUNCIÓN (385)**

Como de costume, antes do nascer do sol já estávamos na estrada. O pouco de neblina logo desapareceu e tivemos pela frente um dia lindo, de temperatura agradável e céu azul. Durante as primeiras horas de viagem não vimos nenhum monte ou elevação maior que se destacasse no horizonte, nem mesmo nas proximidades do rio Tebicuary. O rio Tebicuary - linha divisória do território destinado às Reduções Jesuíticas pelo governo do antigo Paraguai – é bem diferente daquele que estava no meu imaginário. É pequeno, sem barrancas, quase cruzamos por ele sem nos dar conta.

<sup>18</sup> Arapizandú é o nome do cacique que auxiliou o padre Lorenzana na fundação da 1ª redução: San Ignacio Guazú.

<sup>19</sup> Ver notas em anexo sobre Santa Maria da Fé e San Ignacio Guazú.



À medida que avançávamos tínhamos a impressão de estar passando por uma região pantaneira, de fácil inundação. Ao longo do caminho poucas sedes de fazendas, alguma tropa de gado branco. Quase não se v  terra cultivada, a agricultura mecanizada ainda não chegou por aqui. Mais adiante surgiram no horizonte pequenos cerros a quebrar a monotonia e de quando em vez um pequeno vilarejo (San Miguel, Vila Florida, Quindy, Carepegu , Escobar). Foi num destes vilarejos que a Lena comprou um *acegu * (veado) em gesso para depois colocá-lo no jardim em frente   casa de Da. Teta, interior de Tupanci do Sul.



A planície infinda e os primeiros cerros ao longe

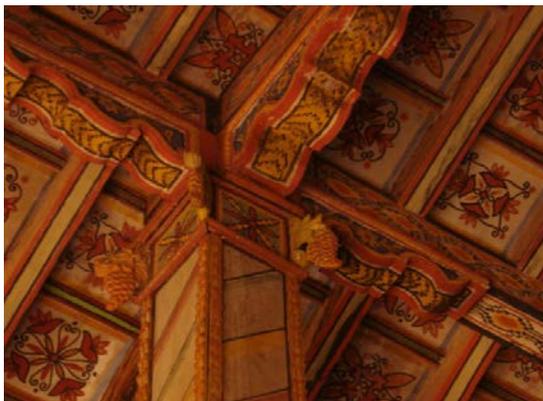
Ainda pela manhã entramos na cidade de Yaguarón, fundada pelos franciscanos Luis Bola os<sup>20</sup> e Alonso de San Boaventura, em 1587, onde visitamos a imponente igreja de São Boaventura, construída sob a liderança do padre diocesano Carlos Penayos de Castro, concluída em 1772.

<sup>20</sup> Frei Luis Bola os foi quem, por primeiro, traduziu o Pequeno Catecismo para a língua guarani.





O magnífico templo está no centro de uma quadra arborizada, destaca-se no seu lado direito um típico campanário de madeira. Com exceção das paredes, com cerca de dois metros de espessura, toda a igreja foi construída com madeiras nobres da região e colorida – paredes, teto e altares – com tintas fabricadas pelos próprios indígenas a partir de frutos e flores de cujas propriedades eram exímios conhecedores. Como nas reduções, o entalhe no altar-mor tem “*grande valor didático para a catequese dos indígenas*”. Chama especial atenção representações da Santíssima Trindade, o púlpito, sustentado por uma figura de anjo com feições guaranis e a mesa do altar, adaptada para celebrações pós-concílio Vaticano II.





Púlpito da igreja de San Boaventura de Yaguarón

O ouro e a prata extraídos nas minas de Potosi, desciam pelo rio Pilcomayo, passava por Asunción, seguindo para ‘subterrâneos’ da Inglaterra e outros países da Europa que se adiantaram no processo de industrialização. Felizmente uma parte, ainda que pequena, ficou como ornamento de algumas igrejas da América, que nos últimos tempos se transformaram em atração turística, fonte de renda para os moradores atuais.



Depois desta proveitosa visita partimos em direção à Asunción, aonde chegamos pouco antes do meio-dia, no pique do tráfico tumultuado de sempre, por ruas que às vezes afunilavam dificultando a passagem e fazendo com que muitos apelassem com prazer das buzinas estridentes.

Por volta das 12 horas (uma hora mais tarde do que no Brasil) chegamos ao centro de Asunción, onde deixamos nossos carros num estacionamento subterrâneo à praça central. Em seguida procuramos por um restaurante, onde fomos bem servidos sem pressa por garçons vestidos a rigor. Lena, preocupada com o estrago que os mosquitos fizeram na Raquel, só sossegou quando encontramos, numa farmácia ali por perto, uma pomada a fim, muito eficaz, por sinal.

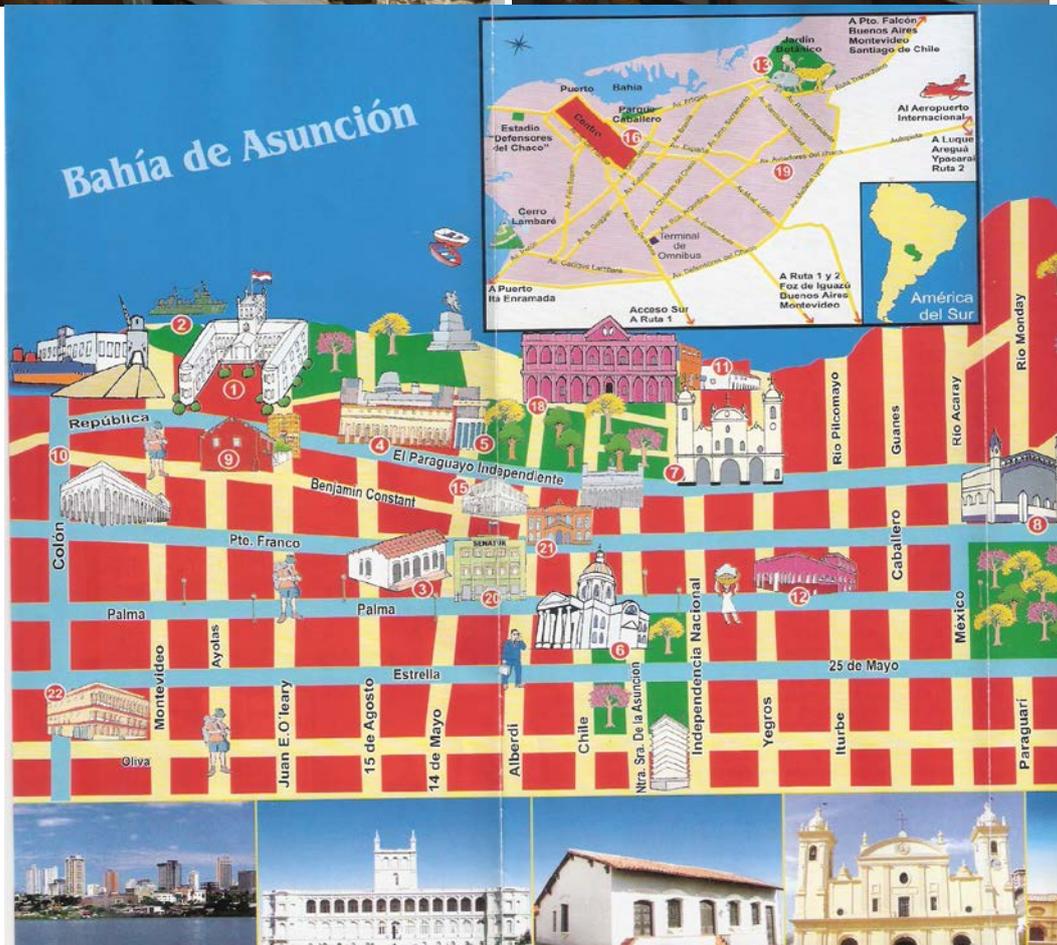
Depois do almoço andamos pelo centro histórico, visitando o *Panteão dos Heróis* e provando *tererê* que os descendentes guaranis bebem na rua. Os postes de ferro das ruas do centro conservam ainda os furos das balas de fuzil herança da sangrenta *Guerra do Chaco*<sup>21</sup> de 1932 a 1935, na qual o Paraguai praticamente duplicou sua extensão territorial.



<sup>21</sup>Nesta guerra que durou três anos e levou à morte 60 mil bolivianos e 30 mil paraguaios, a Bolívia perdeu a única saída para o mar que ainda lhe restava, via rio Paraguai. Em 1879, na *Guerra do Pacífico*, tinha perdido seu Atacama para o Chile e o Peru. Mesmo assim, até hoje a Bolívia mantém o seu exército da marinha.



Aproveitamos a tarde para visitar o *museu Andrés Barbero*, onde se encontram muitos utensílios utilizados pelos indígenas guaranis como: urnas funerárias, redes, arcos e flechas, tacapes, machadinhas de pedra lascada e/ou polida, cestos, cocares, barcos de tronco de árvores, etc. Não visitamos a *Catedral e seu importante museu de Arte Sacra*, pois estava fechada e também não visitamos o *Palácio de Lopez*, sede do governo paraguaio<sup>22</sup>.



<sup>22</sup> A importância econômica (escoamento do ouro e prata das minas de Potosi) e estratégica (confluência dos rios Pilcomayo e Paraguai) de Asunción pode ser avaliada pelo número de habitantes no final do século XVII: enquanto Buenos Aires tinha só 11.960 habitantes Asunción tinha 67 mil.



Como nossa viagem era *missioneira*, visitamos a *Capela dos Mártires das Missões* na Igreja Cristo Rei, aos cuidados dos jesuítas, onde se encontra a relíquia mais impressionante do Paraguai: o **Coração de São Roque González** de Santa Cruz. Como sabemos, Roque González e seus companheiros, Alonso Rodrigues e Juan del Castillo, foram martirizados em 1628, no Caaró, 53 km além de Santo Angelo, e canonizados por João Paulo II no dia 16 de maio de 1988. A seguir alguns dados sobre Roque González:

**Roque González**, filho de espanhóis, nascido em Asunción em 1576, desde cedo se preocupou com a sorte dos índios, cuja língua falava em casa e na rua, como todos os meninos paraguaios. Foi ordenado sacerdote diocesano com apenas 22 anos e em seguida realizou sua primeira *missão* pastoral entre os índios ervateiros da Serra de Mbaracajú. A experiência de evangelizar aqueles pobres índios submetidos a um trabalho duro e sem descanso marcou profundamente a sua vida. Ao retornar foi nomeado Cura da Catedral, mas no dia 5 de maio de 1609 entrou para a Companhia de Jesus, para em seguida integrar a equipe dos seis primeiros missionários, enviados pelo padre Diego Torres Bollo com a missão de fundar as primeiras *reduções jesuíticas*.

Num primeiro momento trabalhou entre os índios Guaicurús, que resistiram à idéia de se sujeitarem à vida sedentária e agrícola, depois ajudou na consolidação daquela que é tida como a primeira de todas as reduções: Santo Ignacio Guazú. A ele se deve a fundação de Itapuã (hoje cidade de Concepción), de Santa Ana, San Francisco Javier, Yapeyú e Concepción eem solo argentino, entre outras.

Roque González, acompanhado pelo cacique Neenguirú, foi o primeiro a pisar o solo gaúcho, ainda em 1620 quando a partir daquela visita esta terra passou a ser conhecida por Tape, *população grande*. Voltou em 1626, quando fundou São Nicolau, implantando uma cruz e celebrando em solo gaúcho a primeira missa de que se tem registro documental, no dia 3 de maio, justamente no Dia da Santa Cruz. Depois Candelária ou Caazapamini, no dia 2 de fevereiro de 1628 e Assunção do Caaró no dia 15 de agosto (destruída e reconstruída no dia 1º de novembro, passando a se chamar de Todos os Santos), local do martírio.



A Cruz Missioneira



O pequeno Santuário do Caaró



O monumento aos Três Mártires

Aqui, todos os anos, no 3º dom de novembro acontece a Romaria aos Mártires das Missões

O martírio ocorreu no dia 15 de novembro de 1628, logo após a celebração da Missa, na igreja recém-construída. Naquela manhã os índios contrários à instalação das reduções, comandados por Nehçú, eloqüente líder do Pirapó, chegaram e enquanto era erguido o poste sobre o qual era instalado o sino, descarregaram suas clavas (itaicá: tipo machadinha) na cabeça dos padres **Roque González e Alonso Rodrigues**, deixando-os mortos por terra<sup>23</sup>. Depois incendiaram a igreja jogando seus corpos no fogo.

<sup>23</sup> O terceiro mártir, **Juan del Castillo**, foi morto dois dias depois, na região conhecida por Pirapó. Seu corpo, foi abandonado pelos índios num riacho, após terem-no arrastado por uns três quilômetros.



Segundo relato dos índios já catequizados em São Nicolau e Candelária, que acompanhavam os padres na ocasião, no dia seguinte os índios assassinos voltaram para ver o que restava dos cadáveres. E, como ainda não estivessem bem queimados, juntaram mais lenha para completar a cremação. Foi então que teriam ouvido uma voz que dizia: *“Matastes a quem tanto vos amava e queria bem! ... Voltarei, contudo, através dos meus sucessores, para vos ajudar nos muitos trabalho que sobrevirão por causa de minha morte”*.<sup>24</sup>

Diante de voz tão misteriosa os índios se enfureceram e, retirando o corpo do padre Roque, abriram-lhe o peito e arrancaram o coração. Mas este continuava a lhes falar. Então o índio Maraguá atravessou-o com uma flecha. Em seguida acenderam uma grande fogueira, devolvendo outra vez os corpos às chamas.

No dia seguinte a notícia chegou a Candelária através de três jovens índios cristãos que fugiram do Caaró. Ali se encontrava o padre Pedro Romero que providenciou o resgate dos restos mortais dos três mártires, o que aconteceu em seguida. Chegados ao local retiraram das cinzas o que havia sobrado dos dois corpos e levaram para Candelária, onde ficaram depositados debaixo do altar-mor até o dia em que foram trasladados para Concepción<sup>25</sup>.

Em Concepción, o padre Diego Boroa, antes de prosseguir sua viagem para Asunción, decidiu averiguar se era verdade o que ouvira dizer sobre o “coração do padre Roque”. Na presença do capitão Cabral Alpoim e de outras testemunhas examinou o tórax do padre Roque e constatou que o coração estava faltando. Então o padre Alfaro, revistando um saco trazido de Caaró com ossos e relíquias misturadas de ambos os corpos, descobriu, para surpresa geral, o “coração” do padre Roque. Estava chamuscado, mas ainda inteiro e atravessado por uma flecha de ponta óssea. Cinco anos mais tarde, em 1633, o padre Pedro Romero, então superior das reduções, entregou pessoalmente o “coração” ao padre Juan B. Peruffino, procurador de toda a Província do Paraguai. Naquele mesmo ano, atendendo ao pedido do padre Mucio Viteleschi, superior geral da Companhia de Jesus, o coração do padre Roque González, colocado num relicário de prata, foi levado para Roma, onde por muitos anos cairia no esquecimento.

No final da década de 1920, o padre Carlos Teschauer, encarregou o estudante Carlos de Souza, aluno de filosofia na Gregoriana, para que fizesse o possível para localizar o paradeiro do relicário do coração do padre Roque González, mas foi seu colega e colaborador palotino, o padre Frederico Schwinn, quem o localizou na Cúria Geral dos Jesuítas em Roma. Lá estava o mesmo relicário de prata dourada onde o padre Rego tinha colocado o “coração”. O médico Osvaldo Zacchi, encarregado de fazer a perícia, deixou a seguinte descrição: *“Aberto o relicário, extraiu-se a relíquia, a qual se apresenta como uma massa cônica, endurecida, de cor vermelho-escura, pesando oitenta e cinco gramas e tendo as seguintes dimensões: oito por sete e por quatro centímetros. Do simples exame morfológico externo se pode afirmar, com absoluta certeza, que se trata de um coração humano, bem conservado em estado de dissecação”*.

---

<sup>24</sup> TESCHAUER, Carlos. Vida e obra do Pe. Roque González de Santa Cruz, SJ, primeiro apóstolo e civilizador do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS*, Porto Alegre, (1928) p. 48.

<sup>25</sup> Os restos de Juan del Castillo só foram encontrados no dia 30 de novembro pelo irmão Antônio Bernal que os envolveu na própria batina e posteriormente levados para São Nicolau.



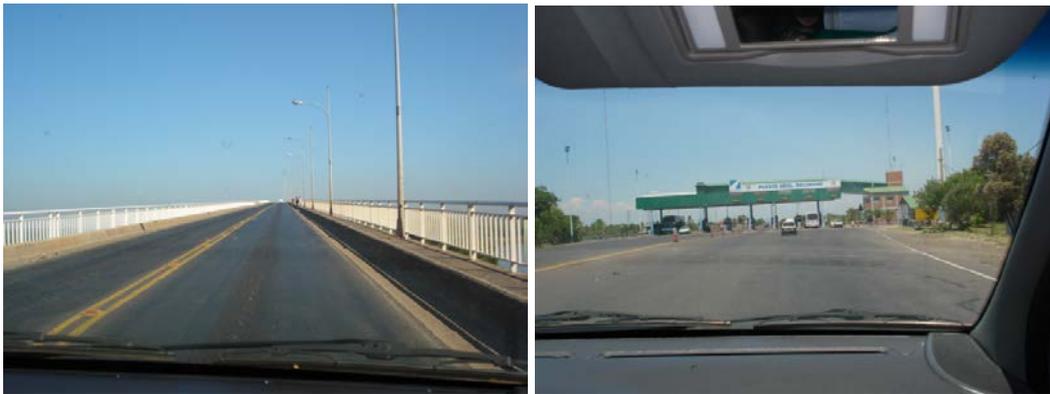


Itaiçá ou machadinha semelhante a utilizada pelos índios por ocasião do martírio de São Roque González

Atualmente este relicário encontra-se aqui na igreja Cristo Rei, em Asunción. Contudo, em ocasiões especiais ele tem percorrido algumas dioceses do Rio Grande do Sul, como no Ano Santo de 1989, ou de datas especiais, como no dia 8 de novembro de 2010, por ocasião da fundação da Paróquia dos Três Mártires das Missões, Salvador do Sul, RS<sup>26</sup>. São Roque González é o **patrono do Paraguai**.

**Dia 6 - QUARTA-FEIRA: Ponte do rio Paraguai, Chaco Argentino, Formosa (169km)Corrientes (199), Hidroelétrica de Yacretá, Virasoro.**

Asunción possui bons hotéis a preços módicos, como o Hotel Palmas del Sol, bastante próximo do centro, porém estava lotado e acabamos nos hospedando num hotel situado na parte alta da cidade, onde alguns brasileiros comentaram sobre as novas frentes de exploração do plantio de soja na parte centro norte do Paraguai. Depois do café, seguimos pela Av Igatimi/Dr. R.Francia até a Av Estados Unidos por onde seguimos até a Av Gal. Artigas, depois pela Transchaco que nos conduziu até a ponte sobre o Rio Paraguai em direção à Argentina.



Depois da travessia do rio Paraguai, enfrentamos as aduanas às margens do rio Pilcomayo e prosseguimos nossa viagem pelo Chaco Argentino.

---

<sup>26</sup> Em 1989, enquanto atuava como pároco de Sananduva, sugeri e foi acolhido São Roque González como padroeiro de uma capela da atual paróquia de Santo Expedito do Sul, diocese de Vacaria. No dia da 1ª festa e inauguração da Capelinha a esposa do então presidente da comunidade agradeceu publicamente sua cura, atribuída à intercessão de São Roque González, depois de permanecer por muitos dias em estado de coma.



O clima estava agradável e o sol continuava a iluminar o nosso caminho, agora totalmente plano, de movimento razoável. A paisagem do Chaco impressiona pelo capim alto a esconder o gado e a infinidade de palmeiras por quase toda a extensão do caminho até a cidade de Formosa. Lá pelas tantas paramos para abastecer e a Lena aproveitou para comprar uma linda bolsa de praia. As meninas se deleitaram comendo os caramelos e doces argentinos que compramos.

Depois veio a famosa Corrientes, a beira do Rio Paraná, uma cidade com mais de 500 mil habitantes, capital da província do mesmo nome. Quando procuramos pelo centro da cidade já eram 14 h e estava quase tudo fechado para a *ciesta*. Estava abafado e fazia um calor horrível, baixando nossa disposição. A muito custo encontramos um local para estacionar e comer alguma coisa.



Dali por diante nossa viagem prosseguiu com pouco ânimo, estávamos cansados. Tudo plano, a nossa direita os lagos (*alagados*) onde brasileiros costumam chegar para pescar. A nossa esquerda a represa binacional de **Yacyretá** cujas águas alagam as redondezas de Posadas e, um pouco mais além **Ituzaingo**, local aprazível com banheirão, praia fluvial, ponto de partida de pescarias procurado por brasileiros, onde procuramos por uma pousada e desistimos prosseguindo nosso caminho até Gdor. Igr. V. Virasoro. Aqui, nesta cidade poeirenta, imunda, quase nos hospedamos na Pousada Paraíso, mais para *inferninho* do que para pousada familiar e, finalmente, já exaustos encontramos um Hotel razoável. O jantar, servido em mesinhas sobre a rua, também não foi lá muito agradável. Mas, o fato de que estávamos perto de casa nos confortava.

#### **Dia 7 (5º dia)-QUINTA-FEIRA: Santo Tomé, São Borja e volta à Marau bendita**

Despertamos e tomamos café sem pressa. Partimos com a intenção de fazer algumas compras em Santo Tomé aonde chegamos por volta das 10 horas. A cidade me pareceu mais feia daquela que tinha visualizado vinte anos antes. Compramos azeite, vinho, azeitonas, *frajoles*... além de encher de combustível o tanque de nossos carros. Depois rumamos para a ponte internacional, pagamos o pedágio de R\$20,00 e, próximo às 12 h estávamos almoçando numa Churrascaria *gaúcha*, para satisfação de todos nós.

Dali por diante prosseguimos de volta às nossas casas, aonde chegamos ao anoitecer. Marau, “*cidade bendita*”, onde vivemos com satisfação e alegria.

Agradecidos pela amizade compartilhada com a família Scorsatto em mais esta viagem pelos sítios missionários da Argentina e do Paraguai, temos certeza de que valeu a pena pelo muito que aprendemos.



## **ANEXOS:**

1. **San Cosme y Damián:** - a 28 km da Ruta 1, 58 km após Encarnación. É a redução que abrigou o maior centro astronômico da América. Algumas de suas antigas construções continuam sendo habitadas por descendentes guaranis. Parte da antiga igreja foi reconstruída após um incêndio e abriga as imagens de São Cosme Damião, além de São Miguel lutando contra um demônio hermafrodita.
2. **Santiago:** - a 22 km da Ruta 1, um Museu abriga um conjunto de estátuas belíssimas, distribuídas em três salas distintas. Na igreja atual conserva-se uma pintura em painel e parte do antigo batistério do templo primitivo, consumido pelas chamas.
3. **Santa Maria da Fé:** - o que resta por aqui de mais importante é o Museu ‘cristocêntrico’ com belas imagens distribuídas em seis salas. Várias habitações indígenas da antiga redução foram tombadas e permanecem como patrimônio histórico. Vale à pena visitar.
4. **San Ignacio Guazú:** - considerada a 1ª dentre todas as reduções (1609). No precioso Museu, como em Santa Maria da Fé, as estátuas foram distribuídas em cinco salas, dentro de um “pavilhão” totalmente reconstruído segundo as características primitivas. Pode-se afirmar de que a visita ao Museu de San Ignacio é o ponto alto da peregrinação às ruínas jesuíticas do Paraguai. O que mais me chamou atenção foi o suporte do Círio Pascal, peças do antigo teto pintado da igreja e o ‘pavilhão’ que nos dá uma idéia de como a arquitetura reducional se preocupava de tornar o ambiente agradável num clima úmido no inverno e abafado no verão: por baixo do coberto de telhas uma espessa camada de capim, sustentada por bambus, funciona como isolador térmico.

**Dalcim, Ignacio**  
Marau, fev 2008.

Aos interessados, recomendamos a leitura de:

1. DALCIM, Ignacio. Breve HISTÓRIA DAS REDUÇÕES jesuítico-guaranis do Paraguai (antigo). São Paulo: Edições Loyola, 2011.
2. HANSEL, José. A Pérola das Reduções Jesuítas (1949). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988. (entre outros)





[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



A observação de Clement MaNaspy surtiu efeito e, de fato, está nascendo um “caminho de peregrinos por terras missioneiras” semelhante ao mundialmente conhecido “Caminho de Santiago de Compostela”, norte da Espanha. Quem acessar “Caminho das Missões” no Google encontrará várias opções de peregrinações: a pé, com opções de apenas três dias:72 km, de uma semana:170 km ou de 14 dias:325 km; de bicicleta ou de automóvel.

